

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



OLIVEIRA, Miguel de (Válega, Ovar, 1897 – São Jorge de Arroios, Lisboa, 1968)

Miguel Augusto, nascido a 15 de dezembro, foi o mais velho dos sete filhos de Jacinto de Oliveira e Rosa Maria de Jesus, dados como «lavradores» no assento de batismo do seu primogénito. Depois do ensino primário realizado na freguesia da sua naturalidade, prosseguiu os estudos no seminário menor da diocese do Porto, nos Carvalhos, em que ingressou a 16 de Janeiro de 1911. Daí transitou para o seminário maior da diocese, onde se destacou pelas classificações obtidas ao longo do curso trienal de estudos teológicos. Dadas as qualidades intelectuais reveladas, as autoridades diocesanas convidaram-no a prosseguir os estudos superiores na Universidade Gregoriana (Roma), o que declinou. Enquanto aguardava a idade canónica para a ordenação presbiteral, exerceu atividades letivas no Colégio Feirense no ano académico de 1917-1918 e, no ano seguinte, no Colégio Ovarense. A partir de Fevereiro de 1920 prosseguiu funções docentes no Seminário de Preparatórios da sua diocese, então em funcionamento no Paço da Torre da Marca. Aí lecionou as disciplinas de Português, Francês e História tendo sido ordenado presbítero a 18 de Julho de 1920.

Cinco anos depois, foi escolhido para liderar a redação do jornal católico *Novidades*, mudando-se para Lisboa. Ainda antes, nesse mesmo ano, realizou a primeira das viagens à Palestina. A crónica que dela fez, publicada nesse periódico, suscitaria o interesse do grupo que, integrando uma iniciativa francesa, empreendeu novo périplo em 1927: além da Palestina, visitou o Egito, Líbano, Turquia, Grécia e Síria, além de Itália e França. Continuando a atividade jornalística, assumiu, a partir de 1932, a incumbência de censor literário na secção editorial da União Gráfica.

Escritor prolífico, deixou publicados mais de duzentos títulos, repartidos entre obras monográficas em artigo ou livro e colaborações variadas com a imprensa ou iniciativas editoriais coletivas: na imprensa local, no *Progresso da Feira* e em *O Concelho de Estarreja*, ou diocesana do Porto, na *Voz do Pastor*, do final dos anos de 1910 aos primeiros anos da década seguinte, passando pela extensa e dificilmente quantificável contribuição para a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. No início dos anos 1930 encetou, com Lopes da Cruz e Raúl Machado, a publicação do *Anuário Católico de Portugal* (ainda editado, noutros moldes).

Contava 24 anos quando iniciou em 1921 a publicação nas páginas do referido *O Concelho de Estarreja* as publicações de natureza historiográfica com *Válega – Memória histórica e descritiva*, editado em volume



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

autónomo no ano de 1981. Aos estudos de âmbito local regressou quando, mais de uma década volvida, retomou as publicações de natureza historiográfica: primeiro com *A Vila de Ovar – Subsídios para a sua história até ao século XVI* e *Privilégios do Barqueiro de Esgueira* (1935), no ano seguinte com *Inquirições de D. Afonso II na Terra de Santa Maria* e *Passais da igreja de Salreu no ano de 1076* e, em 1937, *S. João de Ver nos documentos do «Livro Preto» da Sé de Coimbra*, todos publicados no boletim do *Arquivo Distrital de Aveiro*. A colaboração com a mesma publicação estendeu-se pelos anos seguintes, altura em que deu à estampa as obras de síntese que maior projeção conferiram à sua atividade historiográfica.

Em 1938 faz sair *História da Igreja* (republicada em 1942, 1952 e 1959). De assumido pendor pedagógico, a bibliografia de que se serviu denota a influência do panorama historiográfico francês, que acompanhava de perto. A clareza do texto, que pretendia «correcto e de acôrdo com as últimas conclusões da investigação histórica», visava servir o explícito propósito didático («visa particularmente a juventude e os membros da Acção Católica, cujo apostolado não tem de se exercer, por via de regra, nas altas esferas intelectuais»). Essas características seriam visadas por Alfredo Pimenta que, nas anotações vertidas em *A História da Igreja do P.e Miguel de Oliveira* (1938), classificaria a obra de «volumezinho de 300 páginas, com bonecos, e capa melíflua, como a voz do meu padre», apontando alguns erros de facto e, sobretudo, o que seria a bibliografia datada em que se teria suportado. Miguel de Oliveira rebateu essas críticas, no mesmo ano e com idêntica violência, em *História da Igreja. Resposta a um crítico ou Crítica duma resposta*, notando que as mesmas seriam movidas menos pelo interesse científico que pelo despeito originado pelas críticas que lhe tinham sido feitas no jornal *Novidades*.

Com idênticos propósitos de divulgação e de síntese, também revestida de preocupações didáticas, publicou em 1940 *História Eclesiástica de Portugal*. Sucessivamente reeditada em 1948, 1958 e 1968, teve em 1994 uma versão atualizada por Artur Roque de Almeida. Cumprindo o propósito de «objectividade e sem intuítos de apologia», a obra denota, no entanto, a proximidade ao clima de fervor nacionalista que o Estado Novo instigava, interessando ao autor sublinhar a «unidade de Fé» que deveria pôr fim à presumida «inquietação em que viveram os Portugueses nos períodos de desentendimento do Estado com a Igreja» (*História Eclesiástica...*, I). A solidez do trabalho convivia com o propósito de sublinhar o papel histórico da Igreja Católica na história do país, assacando a elementos estranhos à nacionalidade (entre eles, os «preconceitos anti-religiosos do filosofismo francês», as «influências maçónicas» e as «tendências anárquicas do protestantismo, importadas de Inglaterra» *História Eclesiástica de Portugal*, p. 298) o que considerava ser o ambiente de perseguição à instituição eclesiástica, particularmente na avaliação que fazia da contemporaneidade portuguesa. Seguindo a organização por dinastias (embora não estabeleça apartado próprio para o período filipino), dedica o último período à «Monarquia liberal e República democrática», considerando, embora, que reservava ao «século do Liberalismo uma autonomia que talvez o futuro lhe não reconheça» (*História Eclesiástica...*, III). Apreciada positivamente por José Vives e Pierre David, que a considerou um «excelente manual», revelador de «espírito crítico judicioso» e de abertura «às novas



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

aquisições da ciência», tinha, entre outros méritos, o de sublinhar a escassez de produção historiográfica sobre a problemática religiosa, ainda que os contornos coevos se cingissem ao âmbito eclesiástico. Todavia, a obra revelava já incursões por âmbitos complementares, reservando, em cada apartado, capítulos dedicados ao ensino e às artes, bem como a elementos relativos à vivência religiosa dos fiéis. No que concerne à ponderação dos diversos períodos e dinâmicas, recorre aos termos «crise» e «restauração» para caracterizar aqueles que, em sua análise, se afiguram de menor ou maior fulgor da Igreja Católica, do catolicismo e dos seus agentes.

Ainda em 1940, Miguel de Oliveira publica na *Revista de Guimarães* um dos seus mais sólidos trabalhos de investigação fundamental que, dez anos mais tarde, mereceu versão autónoma, sob o título *As paróquias rurais portuguesas – Sua origem e formação*. Nessa versão incorporou as sugestões críticas de Torquato de Sousa Soares que avaliou positivamente o trabalho e o convidaria a colaborar com a *Revista Portuguesa de História*. Aí publicou *Origens da Ordem de Cister em Portugal e Santa Iria e Santarém*.

A atividade historiográfica que continuou a desenvolver ficou marcada, a partir da segunda metade da década de 1950, pelo papel que teve na fundação e direção do Centro de Estudos de História Eclesiástica (CEHE), de que o atual Centro de Estudos de História Religiosa é sucessor. Correspondendo ao desafio do Comité International des Sciences Historiques que notou a ausência da historiografia portuguesa nos Congressos internacionais das Ciências Históricas, Miguel de Oliveira liderou a Comissão que saiu da reunião fundadora do CEHE realizada a cinco de janeiro de 1956 e que integrava António da Silva Rego, António Brásio e Avelino de Jesus da Costa. Em conjunto com Bernardo Xavier Coutinho e Mário Martins, viriam a compor a Comissão de Redação da revista do CEHE, a que Miguel de Oliveira deu o nome de *Lusitania Sacra* (ainda se publica). Aí publicou alguns dos trabalhos da fase final da sua vida, saindo no último volume da revista que ainda viu publicado *Inquirições de D. Afonso III na Terra de Santa Maria*. Entretanto, colaborara com diversos artigos nas enciclopédias alemãs *Lexikon für Theologie und Kirche* e *Lexikon der Marienkunde*.

Condecorado com o grau de Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada em 1945, foi eleito sócio correspondente da Academia Portuguesa da História em 1951, passando a académico de número em Abril de 1956, sucedendo na cadeira n.º 16 a Henrique de Campos Ferreira Lima. Veio a falecer em Lisboa a 15 de fevereiro de 1968. Em sua homenagem, a escola do ensino básico da terra natal recebeu o seu nome em Dezembro de 1998.

Bibliografia ativa: *História da Igreja*, Lisboa: União Gráfica, 1938; *História Eclesiástica de Portugal*. Edição revista e actualizada, MemMartins, Publicações Europa-América, 1994 [1.ª edição 1940]; Hemeronímia portuguesa, *Revista de Portugal*. Língua Portuguesa 1 (1942) 161-164; *Ourique em Espanha*, Pro Domo, 1945; *As paróquias rurais portuguesas – Sua origem e formação*, Lisboa, União Gráfica, 1950; *S. Martinho de Dume e a conversão dos suevos*, Lisboa, União Gráfica, 1950; *Santa Maria na História e na Tradição portuguesa*, Lisboa, União Gráfica, 1950; *Privilégios do Cabido da Sé Patriarcal de Lisboa*, Lisboa, União

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Gráfica, 1950; Os territórios diocesanos. Como passou para o Porto a Terra de Santa Maria, *Lusitania Sacra*, 1 (1956) 29-50; *Lenda e História. Estudos hagiográficos*, Lisboa, União Gráfica, 1964.

Bibliografia passiva: ABREU, Adélio Fernando, Monsenhor Miguel de Oliveira e a sua obra, *Dunas. Temas e perspectivas. Revista anual sobre cultura e património da região de Ovar*, 10 (2010) 3-16; AZEVEDO, Carlos A. Moreira, *Mons. Miguel de Oliveira no centenário do seu nascimento: Testemunhos, Perfil biográfico, Textos*, Junta de Freguesia de Válega, 1997; IDEM, As origens da Revista *Lusitania Sacra*, *Lusitania Sacra*, 21 (2009) 27-32; IDEM, *Bibliografia para a História da Igreja em Portugal (1961-2000)*, Lisboa, CEHR-UCP, 2013; BROCHADO, Idalino da Costa, *Elogio de Mons. Miguel de Oliveira*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1971, p. 13-37; CLEMENTE, D. Manuel, A Igreja e a sua História (A propósito de Monsenhor Miguel de Oliveira e da História da Igreja em Portugal), *Didaskalia*, XXXVII (2007) I. 337-344; COSTA, Avelino de Jesus da, Mons. Miguel de Oliveira. Notas bio-bibliográficas, *Lusitania Sacra*, 8 (1967-1969) 7-15; MATOS, Sérgio Campos, «Historiografia II. Contemporânea», AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, vol. 2, p. 368-374; TORGAL, Luís Reis, «A história em tempo de “ditadura”», TORGAL, Luís Reis; MENDES, José Amado; CATROGA, Fernando, *História da História em Portugal, sécs. XIX-XX*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, p. 241-276.

Sérgio Ribeiro Pinto